

REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE A TEORIA DA TRADUÇÃO. UM ESBOÇO.

Marcelo da Veiga Greuel

UFSC

1. Introdução

Para poder definir-se como teoria, a teoria da tradução remete, como qualquer ciência, para questões de ordem epistemológica e filosófica. A omissão nesse campo implica inevitavelmente na aceitação dogmática, i.e., não refletida de pressupostos ou de uma postura ingênua e, por conseguinte, não científica. Constatamos que na literatura sobre tradução não existe muita preocupação com tais reflexões ou quando ocorrem, predomina uma argumentação instrumental, i.e., justificando a teoria como útil e necessária para a prática. Longe de pretendermos expor aqui os derradeiros princípios epistemológicos da teoria da tradução, julgamos oportuno esboçar algumas reflexões sobre a questão, principalmente para mostrar como a tradicional oposição entre teoria e prática é problemática, uma vez que a relação entre teoria e prática não é marcada, segundo a nossa convicção, pelo critério da utilidade mas sim pelo conceito da fundamentação. Seguiremos nesse intento um enfoque fenomenológico estrutural que nos parece capaz de demonstrar como o fenômeno da tradução somente se manifesta (se estrutura) por meio da teorização correspondente.

2. Alguns elementos epistemológicos gerais: Fenômeno, teoria e realidade¹

A teoria em si para nada serve, a não ser para nos fazer acreditar na conexão dos fenômenos. (Goethe)

Pode se tornar *fenômeno* tudo que por meio de percepção é experi-

mentável. A percepção, no entanto, não se restringe à percepção dos sentidos, pois pode referir-se também a fenômenos psíquicos internos, estruturas ideativas, como conjuntos ou sistemas de idéias ou outras criações humanas etc., ou seja, qualquer dado possível. Em oposição aos enfoques meramente empiristas e positivistas, um enfoque fenomenológico não parte do pressuposto que apenas pode ser objeto de ciência o que pretensamente independe do sujeito, visto que considera impossível evitar a referência ao sujeito. Um dado empírico comum (caneta azul) ou um dado quantificado (CO₂) não são conhecidos sem um ato cognitivo. Quem considera estatísticas ou os dígitos de aparelhos de medição como sendo mais objetivos que uma observação individual não se apercebe que também a estatística e os dígitos do aparelho precisam ser lidos e entendidos por alguém. A proposta neopositivista da ciência sem sujeito é uma ficção inexistente na realidade.

Por outro lado, cabe ressaltar que, um simples dado percebido de per si, i.e, enquanto mera percepção, nada significa. A percepção, de modo geral, carece de significado próprio e específico, dado que toda e qualquer significação somente ocorre por interligação conceitual dos dados percebidos. É um engano achar que as percepções dos sentidos nos conferem simplesmente informações sobre as coisas. Ao contrário: uma percepção, por si só, desinforma, porque não “diz” o que é e o que significa. Quem carece dos meios conceituais para interpretar (estruturar), i.e. contextualizar o que percebe, não chega a realidade nenhuma e fica exposto a uma mera fragmentação. Duas pessoas que estão diante de um motor têm, em princípio, percepções semelhantes do objeto observado. No entanto, depende do poder de contextualização de cada um o que de fato consegue ver. Se a pessoa A for, p.e., um índio, que jamais em sua vida se defrontou com um objeto semelhante, nada experimenta a não ser um campo de percepção desestruturado (fragmentado). Supondo-se que a pessoa B seja um engenheiro mecânico, ou alguém que disponha de meios conceituais para compreender motores, as percepções não se apresentam apenas como conjunto de impressões sem nexos, mas sim como conjunto de percepções estruturadas (objeto qualificado). O mesmo ocorreria, aliás, com um engenheiro que nunca viveu na selva, quando repentinamente exposto a tal ambiente.

A pressuposição ingênua de que todos nós vivemos no mesmo

mundo não passa de uma crença infundada. A análise fenomenológica do processo cognitivo demonstra que vemos, ouvimos, ou seja, reconhecemos como real apenas o que conseguimos entender. Quem não dispõe de meios conceituais para complementar os dados sensoriais que lhe afluem constantemente através dos sentidos, passa despercebido por algo que lhe sucede, ou nota apenas “algo”, que não consegue identificar, como p.e. ocorre nos momentos de susto. Os objetos reais (estruturas) só se dão à consciência na interpenetração de percepções e conceitos. Percepções são os elementos fragmentados de uma realidade que, apenas à luz de elementos nomológicos conceituais, revelam as suas características de objeto.

As diferenças individuais do ponto de vista cognitivo entre os seres humanos residem, no fundo, no fato que a capacidade de compreender, ou seja, de leitura ou interpretação (capacidade de intuir e identificar elementos nomológicos como elementos coesivos num campo de particularidades percebidas) determinam fundamentalmente a realidade em que alguém vive e as possibilidades de ação que alguém tem. A *teoria* bem entendida não afasta mas sim introduz à *realidade*. Quem não dispõe de meios teóricos adequados não estrutura o mundo das percepções desconexas. *Teoria* é, portanto, em princípio, o que nos possibilita viver na realidade. A crença vulgar de que a postura pragmática resulta de um contato imediato e não teórico com os objetos tem a sua origem na falta de observação dos processos cognitivos.

A Ciência, no sentido acima descrito, consiste, pois, de forma geral, em descobrir e estabelecer nexos entre percepções e assim estruturar objetos. Ela se desdobra num processo teórico de diferenciação (distinção, análise) e de integração (sínteses) e desemboca na formulação das regularidades (elementos nomológicos) subjacentes e inerentes ao campo de fenômeno investigado. Podemos, seguindo uma antiga tradição, chamar a capacidade de estruturação que leva a distinção e identificação de partes e subpartes de INTELLECTO e a capacidade que sintetiza as distinções criadas pelo intelecto de RAZÃO. Na gramática, p.e., a distinção entre diferentes categorias de palavras como substantivo, verbo, adjetivo etc. é expressão do intelecto. A compreensão da função e da integração sintáticas desses componentes exige a força sintetizante da razão. O processo científico exige, pois, o manuseio das capacidades analizantes e integralizantes.

A ciência não se refere, a rigor, a uma realidade que existe fora dela mas sim constrói a realidade que, fora do seu campo, não existe. Uma ciência é uma maneira de estruturar objetos através do duplo movimento de distinção e integração que, fora de sua perspectiva, não podem ser encontrados. Um ato mental que resulta na estruturação de objetos através da interligação de percepções através de meios teóricos (conceitos) é um ato cognitivo. O ato cognitivo não reproduz uma objetividade preexistente, mas sim cria a sua manifestação.

3. Tradução e Teoria da tradução: um ponto de vista radical

As diferentes ciências se ocupam com diferentes campos de dados buscando uma teorização correspondente (conceitos, como elementos estruturadores, capazes de estruturar objetos). A teoria da tradução se refere a fenômenos que apenas à luz dos critérios por ela elaborados se mostram como pertencentes ao processo tradutório. Devido à característica acima assinalada, de que percepções de per si não são qualificadas, não existem, no fundo, dados extra-teóricos como referências comparativas, mas apenas dados que se estruturam e configuram à luz de uma ou outra teoria adotada.

Assim como o conhecimento humano, enquanto ato, precede à teoria do conhecimento, o ato da tradução precede à teoria da tradução. Porém, é apenas através da reflexão teórica sobre a tradução que se pode identificar um ato como ato de tradução, como também somente no âmbito da teoria do conhecimento se identifica o que é conhecimento. Igualmente, o leão teve de existir antes da biologia que o analisou, mas o objeto leão somente se configura como tal na ótica do ato cognitivo que o focaliza. Nenhum ser humano conhece um leão ou outro objeto independente e fora da perspectiva cognitiva.

A tradução começa, nesse sentido, a rigor, apenas a partir do momento em que o homem se apercebe de que está traduzindo, ou seja com a teoria da tradução. Os tradutores práticos, que dizem prescindir, para o seu ofício, de qualquer teoria, apenas trabalham com teorias tácitas que não são tematizadas. Usam teorias sem falar sobre elas. Se não recorressem tacitamente a elementos teóricos não explícitos, simplesmente não saberiam identificar que e quando estão traduzindo. A constatação e a apreensão do fenômeno da tradução é o começo da teoria da tradução. Não pode existir uma tradução independente da teoria.

Considerando esse ponto de partida, a teoria da tradução como ciência desenvolve, num primeiro momento, os critérios mediante os quais o fenômeno da tradução se mostra: ela explícita e torna consciente o que é implícito e inconsciente no ato da tradução. Questionar a sua validade equivaleria a questionar a validade da própria tradução.

4. A tradução na perspectiva da fenomenologia estrutural é basicamente um problema estético-hermenêutico

*Mich drängt's den Grundtext
aufzuschlagen,
Mit redlichem Gefühl einmal
Das heilige Original
In mein geliebtes Deutsch zu
übertragen.
Geschrieben steht: "Im Anfang
war das Wort!"
Hier stock ich schon! wer hilft mir
weiter fort?
Ich kann das Wort so hoch
unmöglich schätzen,
Ich muss es anders übersetzen,
Wenn ich vom Geiste recht
erleuchtet bin.
Geschrieben steht: Im Anfang war
der Sinn.
Bedenke wohl die erste Zeile,
Dass deine Feder sich nicht übereile!
Ist es der Sinn, der alles wirkt und
schafft?
es sollte stehn: Im Anfang war die
Kraft!
Doch, auch indem ich dieses
niederschreibe,
Schon warnt mich was, dass ich
dabei nicht bleibe. Mir hilft der
Geist! auf einmal seh ich Rat Und
schreibe getrost: Im Anfang war
die Tat!*

Almejo abrir o básico texto
E verter o sagrado Original,
Com sentimento reverente e
honesto
Em meu amado idioma natal
Escrito está! "Era no início o
Verbo!"
Começo apenas e já me exacerbo!
Como hei de ao verbo dar tão alto
apreço?
De outra interpretação careço;
Se o espírito me deixa esclarecido,
Escrito está: No início era o
sentido!
Pesa a linha inicial com calma
plena,
Não se apressure a tua pena!
É o sentido então, que tudo opera
e cria?
Deverá opor! No início era a
Energia!
Mas, já, enquanto assim retifico,
Diz-me algo que tampouco nisso
fico
Do espírito me vale a direção,
E escrevo em paz: Era no início a
Ação!

No exemplo acima citado de Fausto² ressaltam as seguintes características:

a. Fausto sente a necessidade de verter o original para o seu alemão amado com toda honestidade (*mit redlichem Gefühl*). Duas vezes ele se refere, pois, a uma questão emocional. A língua alvo que é amada e o sentimento honesto no ato da tradução apontando, assim, para um elemento de fato sentimental no ato humano da tradução. A tradução, envolta em sentimentos no duplo sentido mencionado, é uma tentativa de assimilação cognitiva mais profunda do texto. Sem dúvida Fausto teria a fluência necessária no latim ou no grego para entender o sentido do original. A tradução para o alemão é para ele uma maneira de plasmar (*gestalten*) um texto e nesse ato de arte inteirar-se de outra maneira do conteúdo já conhecido.

b. Pela escolha de interpretações variadas do começo do Evangelho fica caracterizada a predominância hermenêutico-cognitiva na tentativa de Fausto. Ele recusa a tradução inicial da palavra *verbo* (lat) para *Wort* (al) por achar que não corresponde à verdade. A seqüência *Wort, Sinn, Kraft, Tat* abandona o horizonte da tradução correta ou seja do problema da equivalência, porque põe em dúvida a correção do próprio original e entra assim no domínio da filosofia. Para Fausto a leitura e a subsequente tradução do texto bíblico torna-se, pois, um ato de refletir a questão teológica e filosófica do começo do mundo. Ele está interessado no problema, que faz parte do seu questionamento existencial em geral. A tradução é um recurso que ele experimenta para mobilizar a reflexão. Ele traduz tendo como pano de fundo uma “pergunta existencial”.

c. A experiência tradutória de Fausto aponta também para o problema ético-cognitivo na tradução: como o tradutor, comprometido com a verdade daquilo que diz, lida com enunciados que deve considerar errôneos? No caso de assuntos sem maior importância, o problema não parece preocupante, mas em relação a questões extremas como a questão vital para Fausto, ou digamos, de alguém que, como tradutor de um fascista na época do *nacionalismo*, tivesse que traduzir inverdades sobre judeus ou outros grupos étnicos, ele se agrava.

Em síntese, o exemplo de Fausto descreve, pois, um ser humano em processo de tradução, não porque é seu ofício ou porque está prestando serviço mas porque está pensando e usa a tradução como recurso da tradução. O exemplo serve como metáfora da dimensão hermenêutico-cognitiva e artística da tradução interlingual e do interesse original na tradução: o da cognição.

Ademais, Fausto está intimamente ligado ao que faz. O apelo ao sentimento ressalta o afeto que nutre para com a língua para a qual traduz. Ele se esforça por encontrar a forma adequada na língua que ama para expressar o que entende e o que pensa. Somos, assim, remetidos à dimensão estética de toda tradução, mesmo da tradução técnica que, como se expressa através de uma forma, tampouco se esquivava da questão estética.

Sem dúvida, o exemplo é um tanto extremado, mas serve para ilustrar o problema hermenêutico na tradução.

Uma tradução é o resultado final de um processo que começa com a leitura e compreensão de um texto de partida, cujo sentido é vertido para outro idioma, e termina apenas com a compreensão do texto traduzido. Entre o texto original (*source text*) e o texto final (*target, receptor text*) está o tradutor envolvido numa múltipla tarefa hermenêutica.

Entre as frases citadas encontra-se um processo de compreensão que se divide, pelo menos, nos seguintes passos:

1. estruturação das impressões óticas: reconhecimento das letras (objetivação);
2. apreensão de palavras e frases (semantização);
3. intuição retroativa do sentido (deverbalização);
4. avaliação da relação forma e conteúdo (interpretação estético-receptiva);
5. expressão do sentido em forma correspondente na língua de chegada (verbalização);
6. Avaliação da correspondência entre forma e conteúdo na língua de chegada (interpretação estético-expressiva);
7. Realização e correção gráfica do resultado final (objetivação).

Entre um começo e um fim materialmente manifestos, situa-se

um processo mental que em todas os seus momentos é essencialmente hermenêutico, e em alguns estético-hermenêutico, ou seja, que passa pela compreensão e visa a compreensão e procura propiciar essa por meio de um processo estético-expressivo. O leitor/tradutor passa por um processo cognitivo que, num segundo momento, é operacionalizado para possibilitar um processo cognitivo do tradutor/leitor.

5. Texto original, tradutor, texto traduzido e leitor

“Habe nun ach! Philosophie
Juristerei und Medizin
Und leider auch Theologie
Durchaus studiert mit heissem Bemühn:”

“Ai de mim! da filosofia
Medicina jurisprudência
E mísero eu! da teologia
O estudo fiz, com máxima insistência:”

O texto original do tradutor é o texto que esse consegue estruturar, conforme as suas disposições estético-cognitivas. Essa estruturação começa já com a identificação dos caracteres e das palavras subordinados, porém, obedece à hierarquia hermenêutica quando retroativamente intui o significado da palavra dentro de um contexto imediato (parte de texto) e um contexto maior (texto inteiro). No caso citado, o “ai de mim” só revela o seu significado específico no final da frase, a partir do contexto parcial intuído. Somente no final do livro, porém, o leitor compreenderá o problema de Fausto e a meta que anelava com tanto ardor quando pronunciou, no início, a frase citada.

A capacidade de estruturação do texto (leitura e compreensão) depende — deixando os fatores fisiológicos por ora de lado — do grau de instrução, conhecimento específico, receptividade estética e versatilidade intelectual. Ele não difere em seu processo básico da estruturação da realidade objetual em geral, pois desdobra-se na interpenetração de percepção (diferenças) e conceito (elementos nomológicos). O texto é, nesse sentido, um acontecimento em decorrência da contextualização (melhor integração em horizontes

estético-cognitivos) de suas particularidades e singularidades na mente do leitor. O texto, apesar de ser uma unidade material mais ou menos estável, é essencialmente dinâmico e “ocorrencial”. Quem lê um texto duas vezes defronta-se teoricamente com o mesmo objeto, na realidade, porém, com dois textos diferentes. Por isso não apenas dois tradutores traduziriam um texto sempre de maneira diferente mas também um único tradutor, quando traduz duas vezes o mesmo texto.

O primeiro tradutor é sempre o último leitor do texto original até então existente, visto que esse, após a tradução, deixa de ter uma manifestação única. Por outro lado, ele é também o primeiro leitor da nova expressão da obra. Nesse sentido ele passa a ser autor, porque uma característica essencial de ser autor é ser primeiro leitor da obra. O texto original muda pois, mediante a tradução, o seu estatuto. Passa, por vezes, até a substituir o original, como p.e., na tradução de *O mundo de Sofia*, a partir da tradução alemã *Sophies Welt*. O tradutor é, portanto, o autor de uma nova forma, e como a forma dá o acesso ao conteúdo, autor de uma forma específica de abordagens do conteúdo expresso no original.

Definir a tradução, portanto, como um transporte de informação de um sistema de signos para outro pode soar muito científico, carece, no entanto de significado real. Trata-se de uma definição inspirada na terminologia tecnológica cujo efeito repousa no sentimento de subordinação de nossa época frente à tecnologia. A tradução — mesmo de textos técnicos como uma bula de remédio — abrange um processo bem mais sublime, que se esquia dos conceitos e da terminologia criada para descrever processos mecânicos. Em nenhum dos casos a tradução ocorre simplesmente pela substituição de signos de uma língua por signos de outra língua. Essa substituição é apenas um efeito final que não explica o processo tradutório, pois a tradução é um processo mental baseado na intuição de conteúdos situados em contextos. A chamada substituição de signos é efeito e não causa.

NOTAS

1. Temos que nos restringir aqui apenas a uma abordagem aforística do assunto. Explicitamos melhor as nossas idéias a respeito em *Realidade e Cognição*. Florianópolis, 1996. <http://www.cce.ufsc.br/alemao/text/feno.html>.

2. Goethe, JW. v. *Fausto*. Tradução de Jenny Klabin Segall. São Paulo 1981.

oe